

# Enxadas e sachos

(Capítulo da ALFAIA AGRÍCOLA PORTUGUESA, em preparação)

POR

Fernando Galhano

(Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular)

---

## Enxadas e sachos (1)

Vamos tratar neste estudo dos instrumentos empregados na cava e sacha da terra através de Portugal. Não incluiremos nele, porém, os utensílios empregados de preferência para abrir terras há vários anos em descanso, ou aquelas que por serem duras e pedregosas exigem ferramenta que pelo seu formato entendemos agrupar à parte. Embora possa haver uma certa arbitrariedade nesta ordenação, deixaremos para outro trabalho estas alfaias, a que demos o título de: «picaretas, alviões, alferces».

Não pretendemos falar aqui da importância da enxada na história do progresso humano, nem tão-pouco investigar as origens dos diferentes instrumentos encontrados na Península, origens que são certamente por vezes muito remotas. Também não focamos o aspecto linguístico, que pode ser um auxílio importante num

---

(1) Ao contrário do que se dá noutros países a pá não é usada em Portugal no revolvimento das terras de lavoura. É pois apenas com instrumentos do tipo das enxadas que o nosso lavrador cava ou sacha os seus campos.

estudo histórico cultural. Deixaremos essa tarefa para outros mais preparados para esse género de investigação.

Tem este trabalho carácter meramente etnográfico, isto é, o seu principal objectivo é o estudo descritivo dos diferentes instrumentos e a sua distribuição geográfica. Relacionaremos, porém, sempre que pudermos, estes utensílios, com as culturas e solos em que são empregados, e faremos no fim algumas considerações que a análise dos factos possa sugerir.

Recorremos para a realização deste trabalho aos arquivos do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, do qual somos colaborador, e para o qual colhemos materiais, tendo já em vista o estudo da alfaia agrícola. Porém, apesar do grande volume de elementos até hoje arquivados, a enorme riqueza de particularismos locais que Portugal apresenta, não só morfologicamente como na nomenclatura, torna difícil realizar trabalhos cartográficos, com delimitações nítidas de zonas, sobretudo em certas regiões do país. Contudo cremos que já é possível dar uma visão relativamente perfeita dos tipos de ferramentas existentes no país e a sua distribuição geográfica, partida indispensável para possíveis trabalhos comparativos.

\*

A enxada é constituída por uma lâmina de aço, cheia ou fendida, a *pá*, ligada ao *olho*, onde entra o *cabo*. O aperto do cabo ao olho é dado por uma *cunha* de madeira ou de ferro, ou, ainda além desta, por uma espécie de cavilha de ferro, o *pescaz*. A pá pode estar presa directamente ao olho ou afastada por uma *garganta* mais ou menos comprida. À aresta cortante da pá, *gume*, opõem-se as *costas*. O olho raras vezes é formado por uma parede de grossura toda igual; o mais frequente é ter um reforço, *crista*, no lado oposto à pá, reforço que serve para bater em qualquer

torrão mais duro, e que quando prolongado forma *pétas* ou *cristas* de vários formatos.

### Minho

As *enxadas*, usadas para cavar e roçar mato, são de pata quase sempre plana, mais largas no gume que nas costas. Estes alargamentos são muito variáveis, sem razão de ordem prática

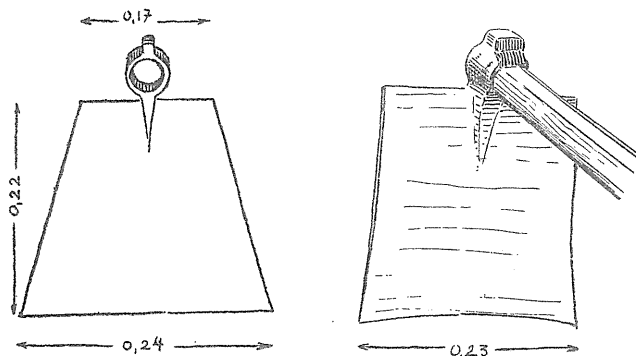


Fig. 1 — *Enxadas*: 1 — Monção, Mazedo; 2 — Celorico de Basto, Tecla.

aparente. O gume é direito ou quase. As dimensões médias vão de 0<sup>m</sup>,22 a 0<sup>m</sup>,25 de comprimento por 0<sup>m</sup>,18 a 0<sup>m</sup>,23 de largura.

A *cavadeira* é uma espécie de enxada delgada e comprida, de lados paralelos, empregada para terras junto a árvores ou videiras, cujas raízes não convém magoar. Aparecem de dimensões variadas, mas uma cavadeira mediana tem 0<sup>m</sup>,10 de larg. por 0<sup>m</sup>,35 de comp. (ver desenho de utensílio igual usado no Douro Litoral).

A *enxada de pontas*, semelhante à *trasmontana*, aparece também no Baixo Minho, para o sul de Braga. O seu pequeno emprego

em área tão restrita leva-nos a não a considerar um utensílio tradicional na região.

A *sachola* é usada nas sachas e regas do milho, batatais e hortas. Acompanha a forma das enxadas sendo apenas mais pequena. Na região de Basto usam além desta sachola, e para os mesmos trabalhos, uma *sachola de crista*, cuja forma indica já influência trasmontana. Chegaram mesmo a aparecer há cerca duns vinte anos sacholas de duas cristas, mas o seu uso não se vulgarizou.

*Sacho* é o nome que também dão à sachola em algumas localidades. Este nome é, porém, mais empregado para designar uma sachola com bico no lado oposto à pá, e que quase só se encontra onde fazem culturas de horta mais cuidadas.

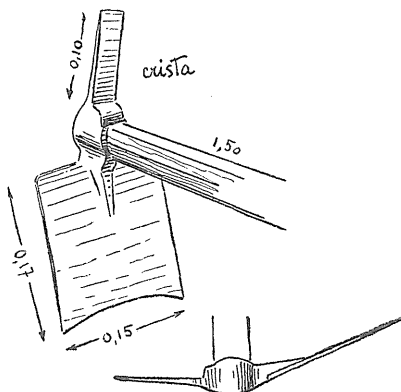


Fig. 2 — *Sachola de crista*: Celorico de Basto, Tecla.

\*

Os cabos destas ferramentas têm cerca de 1<sup>m</sup>,50 de comp. e são feitos de eucalipto, carvalho ou mesmo pinheiro. Embora sejam por vezes simples varas descascadas, o mais vulgar é serem sarrafos aplainados e redondos. Apenas na região de Basto são oitavados até uns 0<sup>m</sup>,0,35 do olho, arredondando daí para cima.

Para revolver algum bocado de terra mais apertada, ou para executar certas sachas, é vulgar no Minho lançarem mão do *gadanho* dos estrumes e dos matos, que descreveremos noutro lugar; (em Celorico de Basto, por exemplo, é o *gadanho* muito utilizado na sachas das batatas).

## Douro Litoral

Por quase toda a área desta província se empregam enxadas e sacholas semelhantes às minhotas (1). O que dissemos para estas pode portanto aplicar se para aquelas. Apenas nos concelhos de Baião e Cinfães o gume é muito arqueado formando duas *pontas*. Neste último concelho os lados são paralelos como em

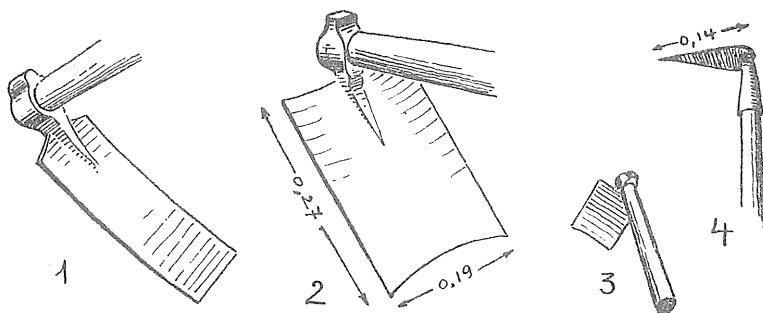


Fig. 3 — 1 — *Enxadoto*: Aronca, Albergaria das Cabras; 2 — *Sachola*: Cinfães, Pias; 3 — *Sachadeira de meter milho*: Cinfães, Pias; 4 — *Sacho de bico*: Cinfães, Pias.

muitos locais da Beira Alta; e a pá é côncava; também ali chamam *sachola* à enxada, e *sachadeira* à sachola.

A cavadeira minhota encontra-se também no Douro Litoral. Serve nas regiões de grande cultivo de hortaliças para meter as plantazitas a cavadela. Encontra-se assim no Porto e arredores, munida de cabo curto para ser agarrada por uma só mão. Conhecem-na por *cavadeira* (Maia), *sachadeira* (Porto), *sacho com-*

(1) Esta mesma enxada com dimensões aproximadas é empregada nos campos de areia a N. da Póvoa de Varzim, tanto no seu desaterro como no seu cultivo, se bem que existam enxadas maiores.

*prido* (Gaia). Instrumento igual vimos ainda em Albergaria das Cabras, na Serra de Arouca, com o nome de *enxadoto* ou *muchel*, empregado para cortar carqueja no meio das pedras ou para escouçar terras duras. (Tinha as dimensões de  $0^m,07 \times 0,20$ ).

Em Cinfães semeiam milho à cavadela com a ajuda duma sacholinha pequena (larg.  $0^m,08 \times$  comp.  $0^m,10$ ). Tem o cabo curto para ser empunhado com a mão direita, enquanto que a esquerda lança o grão na covita entreaberta. A sementeira feita assim deixa o grão a uma profundidade certa e traz uma economia de semente. Certamente que não fazem conta ao custo da mão-de-obra, embora seja um trabalho relativamente rápido quando executado por pessoa habituada.

Encontram-se também *sachos* para as hortas, quer com pá e bico, quer apenas com bico.

### Trás-os-Montes e Alto Douro

Tanto no S.W. trasmontano, desde a Régua a Ribeira de Pena, como no N.E., de Vinhais a Miranda, se usam *enxadas* de lados paralelos e gume sensivelmente direito. Os cabos nesta última facha da província são curtos (cerca de  $1^m,00$ ), enquanto que na primeira virada para o Minho, mantêm como ali o comprimento médio de  $1^m,50$ . Em Ribeira de Pena os cabos são oitavados na parte inferior como na vizinha região de Basto; este oitavado chega a ter o terço do comprimento do cabo.

Em Vinhais ouvimos chamar *enxadas de escaldeirar* às usadas para fazer as «agúeiras» e «preseiras» (regos e presas) dos lameiros. É de notar nesta parte da província a grossura e bom acabamento dos olhos de toda a ferramenta (1).

---

(1) Adolfo Coelho cita *enxada larga* para designar em Bragança a vulgar enxada — «Portugalia». Tomo 1.º, fasc. 2.º, pp. 399.

Na parte restante de Trás-os-Montes, desde Boticas a Valpaços e Miranda, e daí para o sul, já as *enxadas* deixam de ter lados paralelos para estreitarem para o gume.

Em Miranda chamam *patarra* a uma enxada grande, sendo a *enxada* uma mais pequena e comprida, muitas vezes de fabrico espanhol.

Como em muitos lugares apenas cavam com enxadas de pontas, de que falaremos a seguir, aquelas a que nos referimos são

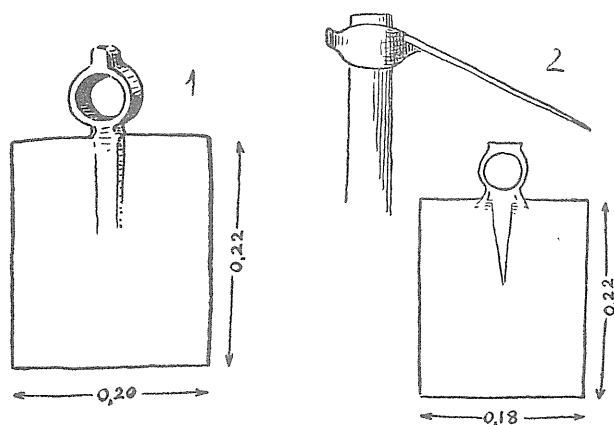


Fig. 4 — 1 — *Enxada de escalear*: Vinhais, Moimenta; 2 — *Enxada de cavar*: Régua, Ermida.

muitas vezes usadas quase unicamente para roçar mato e cortar estrumes. Distinguem-nas daquelas chamando-lhes *enxadas rasas*.

Além da enxada deste formato aparecem pela região de Mogadouro enxadas de pá triangulares, semelhantes aos sachos de que falaremos, apenas maiores.

A enxada de pontas aparece por quase toda a província (julgamos não existir no Barroso). Chamam-lhe *enxadao* (Régua) *enxada* (Valpaços), *enxada de ganchos* (Freixo, Armamar) e *guinchas* (concelhos do norte da província). Cavam com ela as vinhas do Douro, serve para revolver as terras mais ásperas, e é usada

mesmo nos trabalhos da horta e no arranque das batatas. As dimensões mais frequentes são 0<sup>m</sup>,12 a 0<sup>m</sup>,16 de larg. por 0<sup>m</sup>,30

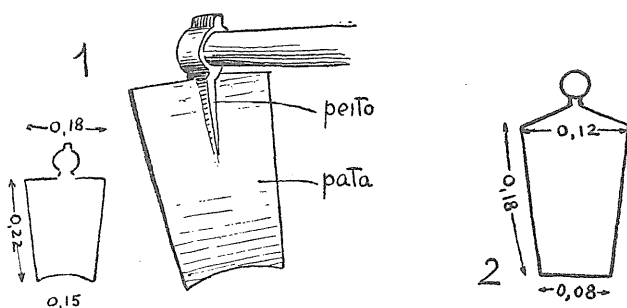


Fig. 5 — 1 — Enxada: Boticas, Campos; 2 — Enxada: Miranda, Malhadas.

a 0<sup>m</sup>,35 de comprimento. Os cabos, de carrasco, lodão ou amendeira brava, são curtos e fazem por vezes um ângulo bastante fechado com a enxada pròpriamente dita.

\*

Nas regiões S.W. e N.E. da província, de que atrás falamos para as enxadas, ou *sacholas* acompanham a forma daquelas, sendo apenas mais pequenas.

Por Vinhais, a par da enxada de escaldeirar atrás citada, está a *enxada tapadeira*, *sachola* que tira o nome do seu serviço de «tapar» as águas; tem o cabo mais comprido que aquela (1<sup>m</sup>,30).

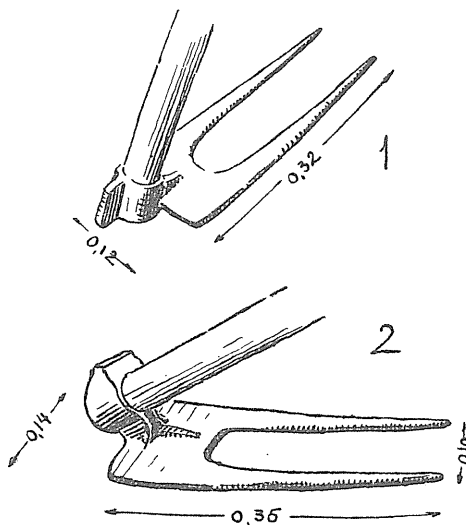


Fig. 6 — 1 — Guinças: Bragança, Cova da Lua; 2 — Enxadão: Régua, Vinhós.



A *sadantcha* de Rio de Onor (Bragança) <sup>(1)</sup> é uma sachola

enconcada, agora quase de todo substituída pela espanhola de fabrico industrial, a qual não dá porém, ao que dizem, tão bom trabalho como a tradicional.

Por Boticas e Vila Pouca de Aguiar a *sacha* segue também a forma das enxadas locais, apenas de menores dimensões. Já por Valpaços o *sacho*, com pá

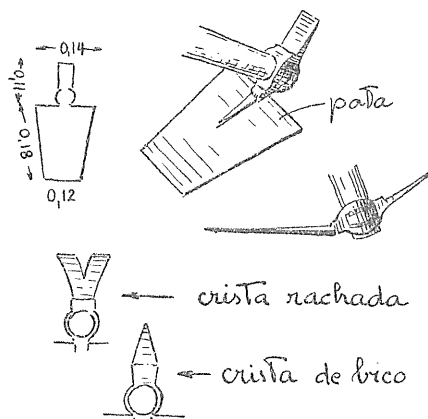


Fig. 7 — Sachos: Valpaços, Carrazedo.

idêntica (estreitecendo para o gume), tem do outro lado do

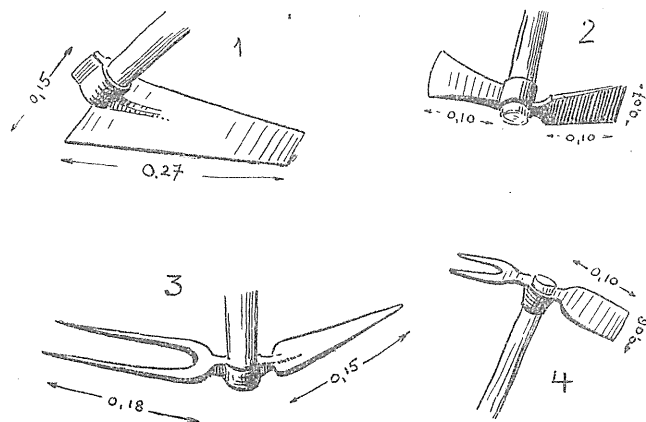


Fig. 8 — 1 e 2 — Sachos: Vinhais; 3 — Quinchinhas para o cebolo: Vinhais; 4 — Sacho das hortas: Miranda, Malhadas.

olho a *crista*, que apresenta formatos variados. Além das *cristas*

(1) Esta e outras informações sobre Rio de Onor foram tiradas do trabalho de Jorge Dias sobre aquela aldeia, em publicação.

é muito frequente terem os sachos na parte alta de Trás-os-Montes umas pequenas *guinchas*. Estão neste caso as *guinchinhas* para o cebolo que se vêem por Vinhais, e o *sacho das hortas* de Miranda, reproduzidos no desenho.

Em Rio de Onor o uso destas guinchas é recente; chamam-lhe *guinchas de rabo*. Dantes existia o *sacho* semelhante ao usado em várias zonas da província apenas em trabalhos de horta, e muito

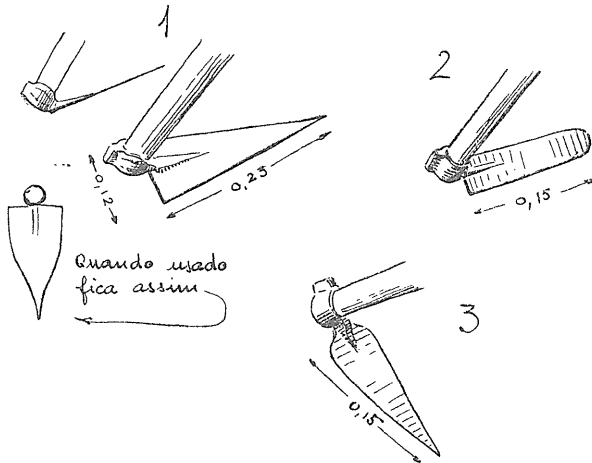


Fig. 9 — 1—*Sacha*: Moncorvo, Felgar; 2—*Sacho*: Alfândega da Fé; 3—*Sacho*: Bragança, Cova da Lua.

frequente na sua parte S.E.. Estes sachos têm apenas uma pata aguçada ou arredondada, em ângulo bastante fechado com o cabo, que tem uns 0<sup>m</sup>,80 a 1<sup>m</sup>,00 de comprimento. São parecidos com os sachos das mondas alentejanos, e conhecem-nos por *sacha* (Moncorvo), *patarra* (Mogadouro) ou *sacho* (Alfândega da Fé, Bragança) (1).

(1) Jorge Dias, em «Nótulas de Etnografia Madeirense» chama a atenção para a semelhança entre a *sacha* de Moncorvo e a *enxada* da Ilha da Madeira

### Beira Litoral

Por toda a extensão desta província encontramos *enxadas* de lados paralelos, de pá plana ou côncava. O afastamento entre a pá e o olho varia bastante: mesmo junta por Ovar, afasta-se sensivelmente ao chegar ao Mondego, tendo já em Condeixa a garganta comprida da Estremadura. Nos lugares em que usam enxadas de pontas distinguem-nas chamando-lhes *enxadas rasas*.

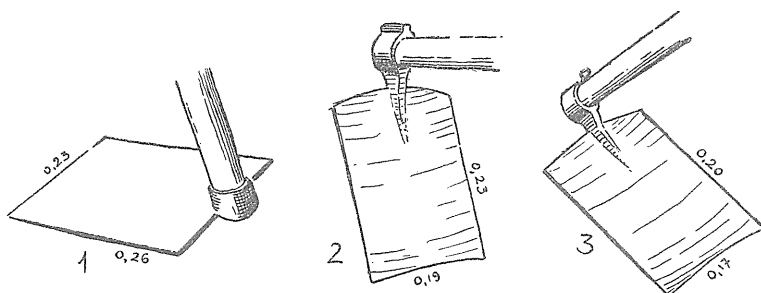


Fig. 10 — *Enxadas*: 1 — Ovar, Válega; 2 — Aveiro, Verdemilho; 3 — Coimbra, S. João do Campo.

As dimensões variam bastante, sendo muito grandes nos terrenos arenosos da beira-mar (larg. 0<sup>m</sup>,25  $\times$  comp. 0<sup>m</sup>,35 em Mira) e pela Ria de Aveiro. Em Ovar chamam-lhe *cavadeiras* (1).

Em alguns sítios serve quase só para roçar mato, cavando com *enxadas* de pontas. Nos campos do Mondego é usada para as terras de areia, ficando a de pontas para as terras de seixo.

*Sachão* chamam em Condeixa a uma *enxada* semelhante mas mais delgada, no jeito do *enxadoto* de Arouca.

As *enxadas de pontas* são usadas com frequência da Bairrada para o sul. As pontas são aguçadas (ex. Coimbra) ou largas

(1) Vimos na Murtosa fazerem com uma *enxada* destas a cava que de 4 em 4, ou de 5 em 5 anos, dão a certos campos. No dizer exagerado do homem que com ela trabalhava «pesam 10 k.<sup>os</sup> quando novas».

(ex. Penela). São as enxadas das terras duras ou pedregosas. Apresentam as dimensões médias de 0<sup>m</sup>,20 de larg. por 0<sup>m</sup>,25 a 0,35 de comprimento.

Quando as pontas são aguçadas chamam-lhe *faqueira* ou *em pontas de faca*. Para as de pontas largas dizem simplesmente *de pontas*. Geralmente a abertura entre as pontas é igual à largura destas; por vezes, contudo, essa abertura é muito mais estreita, como acontece em Penela.

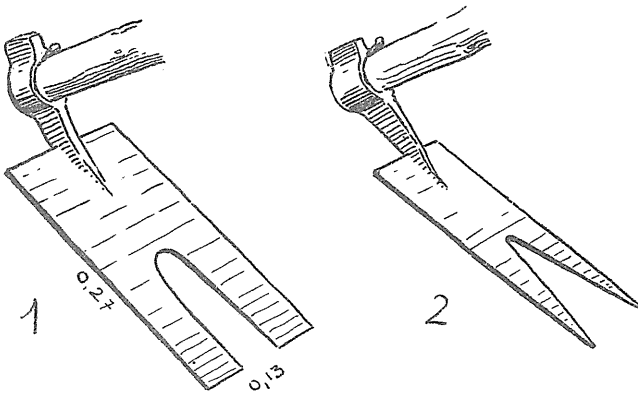


Fig. 11 — *Enxadas de pontas*: 1 — Penela, Venda de Figueira; 2 — Coimbra, S. João do Campo.

Há ainda enxadas de formato intermédio, mais próximas contudo das enxadas rasas, e em que o gume é muito arqueado. Chamam-lhes *de meia-lua* e são muito empregadas na cava das vinhas.

Para este mesmo fim usa-se agora cada vez mais por Cantanhede e Albergaria o *farpão* ou *engaço*, com três bicos chatos, cuja forma se aproxima do gadanho minhoto, e como ele também utilizado no trabalho dos estrumes. Alguns destes farpões são guarnecidos com uma *crista* comprida.

A *enxada de apanhar mato* que vimos numa casa de lavoura de Verdemilho, Aveiro (Fig. 14-1) e que diziam servir para roçar em terras planas e sem pedras, tem uma forma fora do vulgar. Não sabemos, porém, se é de uso corrente;

vimos apenas aquela. Na mesma casa havia também uma enxada em bico e muito encurvada (Fig. 14-2) que disseram ser para os arrozais, e que chamaram *enxada de cavar praia*. Foi também o único exemplar que vimos.

Com a mesma forma das enxadas, mas mais pequenas como é vulgar nas Beiras e a norte do Douro, as *sacholas* são empregadas nas sachas e nas regas. Em Condeixa dão-lhe o nome de *sachadeira*.

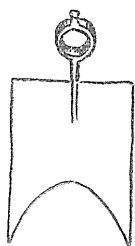


Fig. 12 — *Enxada de meia-lua*: Óbidos.

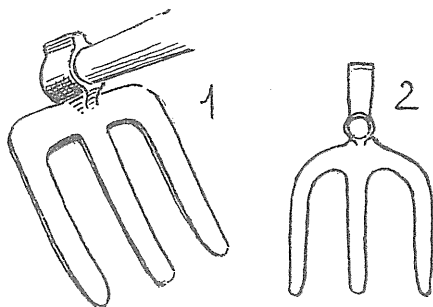


Fig. 13 — 1 — *Engaço*: Albergaria-a-Velha, Anjeja; 2 — *Farpão*: Cantanhede, Murte de.

Para o trabalho das hortas é vulgar de Aveiro para o sul um sacho de crista, conhecido por *sacho*, e cuja pá tem larguras varia-

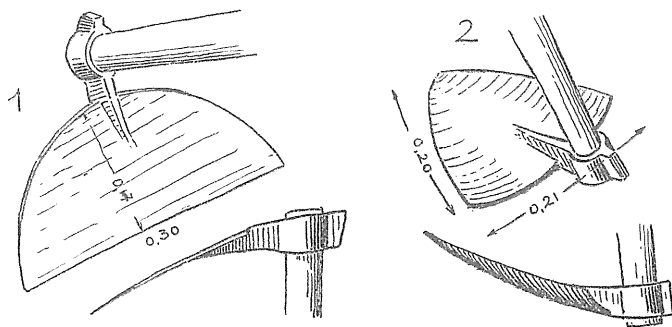


Fig. 14 — 1 — *Enxada de apanhar mato*: Aveiro, Verdemilho; 2 — *Enxada de cavar praia*: Idem.

das. Em Albergaria vimos *sacholas* de crista aguçada a cavar terras duras.

Os cabos são de comprimento mediano, 1<sup>m</sup>,00 a 1<sup>m</sup>,20, (os mais curtos que vimos foi em Penela, 0<sup>m</sup>,90). Na região de Coimbra procuram-nos fazer de varas de oliveira. O eucalipto é o mais utilizado.

O uso do pescaz a fazer a prisão do cabo ao olho é vulgar em toda a província, com excepção da ponta norte.

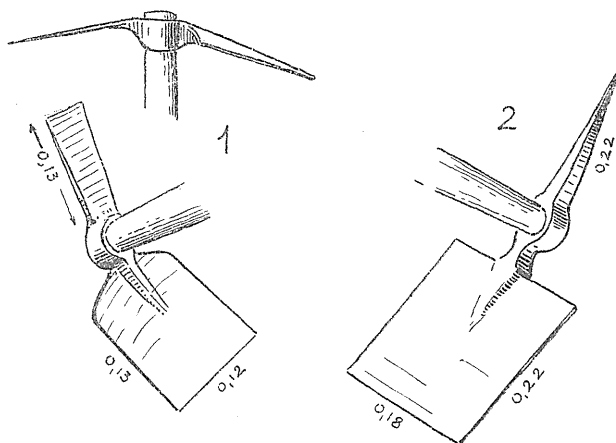


Fig. 15 — 1 — *Sacho*: Aveiro, Verdemilho; 2 — *Sachola*: Albergaria-a-Velha, Anjeja.

### Beira Alta e Beira Baixa

Nas Beiras encontram-se *enxadas* de lados paralelos ou estreitecendo para o gume, sem haver regiões definidas em que cada forma se empregue mais (Ex.: paralelos em Tondela, Satão, Belmonte; estreitecendo em Celorico, Guarda).

As dimensões variam muito. Enormes em Tondela, são medianas pela Guarda, embora aqui se use para roçar mato e cavar, o *enxadão*, com uns 4 k.<sup>os</sup> de peso.

Perto da raia vêem-se com frequência umas *enxadas* grandes de fabrico espanhol, cujo comprimento atinge 0<sup>m</sup>,35.

Na corda oriental da provincia são muito usadas enxadas de gargantas compridas, com fortes peitos sobre a pá. São seme-

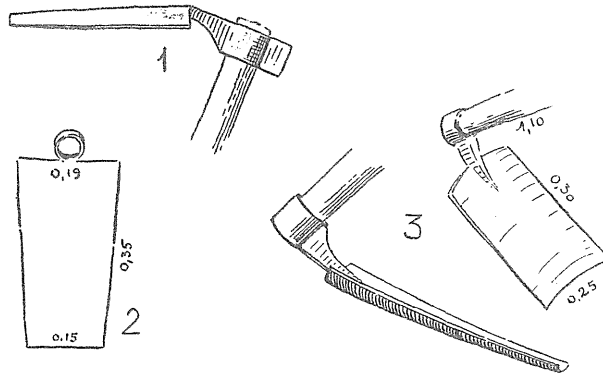


Fig. 16 — 1 — *Enxada*: Guarda, Pero do Moço; 2 — *Enxada espanhola*: Idem; 3 — *Enxada*: Belmonte.

lhantes às estremenhas, mas têm no geral uma concavidade pronunciada.

Pelo Sabugal, para cavar vinhas ou terras pedregosas, e mesmo para plantar batatas, aparece o *gancho*, utensílio de fabrico local, tosco, com dois dentes chatos, cuja forma se aproxima da *enxada de pontas*, quase apenas usada na vizinhança da Estremadura.

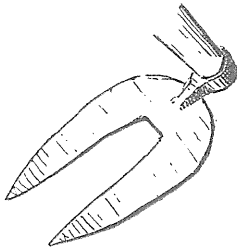


Fig. 17 — *Gancho*: Sabugal.

As *sacholas* (Guarda, Pinhel) ou *sachos* (Castelo Branco) são geralmente enxadas mais pequenas. Em alguns lugares, mas raramente vimos *sachos de pêta* (Pinhel). Em Celorico encontrou Jorge Dias *sachos* de pata terminada em bico; ignoramos a extensão do seu uso.



Fig. 18 — 1 — *Sacho de pêta*: Pinhel; 2 — *Sacho*: Celorico da Beira.

Os cabos de toda esta ferramenta são curtos, 1<sup>m</sup>,00 a 1<sup>m</sup>,10 de comprimento. Apenas na parte N.W. da Beira Alta se encontram com 1<sup>m</sup>,50.

### Estremadura e Ribatejo

A *enxada rasa* <sup>(1)</sup> estremenha, de formato sensivelmente uniforme (sobretudo ao norte do Tejo) tem os lados paralelos ou alargando muito ligeiramente para o gume, e a pá, bastante mais longa que larga, está unida ao olho por uma garganta por vezes muito comprida.

As pás são quase sempre planas, com dimensões que vão de 0<sup>m</sup>,26 × 0<sup>m</sup>,22 (Peniche) a 0<sup>m</sup>,12 × 0<sup>m</sup>,23 (Almada). As gargantas chegam a ter em Alcobaça 0<sup>m</sup>,07 de comprimento.

Em Colares (Sintra), para as terras de areia empregam enxadas grandes sem garganta, usando as de pontas nas terras duras. Já por Torres Vedras e Peniche, do mesmo modo em terras de

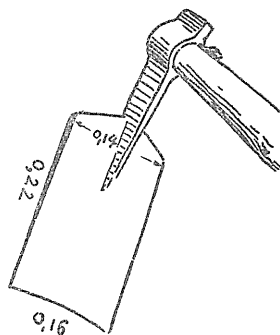


Fig. 19 — *Enxada rasa*: Peniche.

areia, se trabalha com enxadas de garganta comprida. Em Atouguia da Baleia chegaram a dizer-nos que a garganta é indispensável nas terras soltas, justificando deste modo o que é apenas, segundo cremos, uma simples questão de tradição.

Como na Beira Litoral, nos locais em que se servem da enxada de pontas para cavar, a enxada rasa serve para roçar mato e sachar. São para este fim por vezes mais pequenas.

(1) Leite de Vasconcelos colheu no Cadaval o termo de *enxada sacheira* ou *rasa* — «Boletim de Etnografia». Lisboa, 1929, 4.º, pp. 36 e 38.

Nós ouvimos chamar-lhe em Almeirim *enxada de campo*.



No litoral ao sul do Tejo a garganta diminui de tamanho e quase que desaparece. São assim as enxadas usadas nos arrozaes do Sado, e as de Almada; nas últimas, reproduzidas no desenho, o ângulo da pá e do cabo é muito fechado.



Fig. 20 — *Enxada*: Almada.

A par da enxada rasa encontra-se por quase toda a Estremadura a norte do Tejo a *enxada de pontas*. É com ela que alqueivam, cavam, e plantam vinha: só não existe onde as terras são soltas, e permitem ou exigem a enxada rasa.

Podem ser, como na Beira Litoral, de pontas ou faqueiras e a garganta também é comprida.

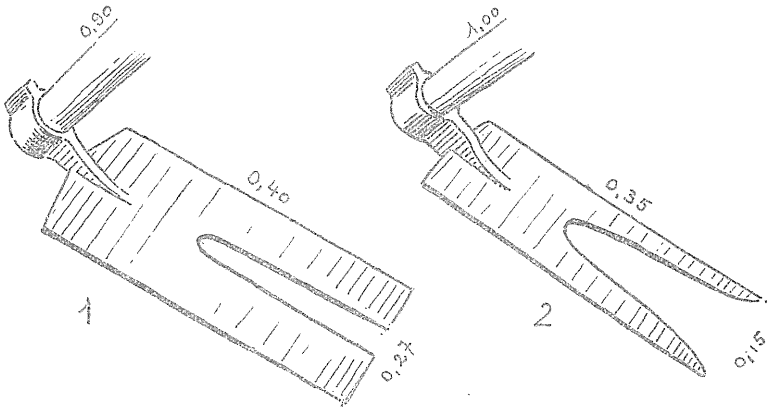


Fig. 21 — 1 — *Enxada de pontas*: Batalha, Vale Sobreiro; 2 — *Enxada de pontas de faca*: Mafra, Venda do Pinheiro.

Há também, como ali enxadas *de meia-lua*.

Para schar hortas diz Leite de Vasconcelos (1) existirem *sachos* menores que as enxadas, com uma pá pequena oposta à grande.

(1) *Obr. cit.*

Os cabos, de oliveira, freixo ou azinho, são no geral encurvados, por vezes mesmo cheios de curvas pronunciadas (1); medem 0<sup>m</sup>,90 a 1<sup>m</sup>,00.

Além da cunha, é quase geral o uso do pescaz.

### Alentejo

São escassos os elementos que temos sobre enxadas desta província, onde de resto elas não têm a importância que têm no resto do país. O seu uso está limitado ao trabalho das hortas, batatais e vinhedos, estes bastante decaídos desde o aparecimento da filoxera.

Os alferces e enxadões, ferramenta pesada e robusta com que se cava terra de pousio e se arranca cepa, estudamo-los noutra lugar. Contudo há alferces mais ligeiros, cujo emprego é semelhante ao da enxada. Está neste caso o recolhido em Marvão e reproduzido no desenho.

Em Beja e Moura vimos enxadas estreitecendo para o gume e de pá plana, e outras côncavas para terras lamacentas.

Na Vidigueira, onde a vinha tem ainda certa importância, há *enxadas* que se aproximam das de meia-lua estremenhas; os rapazes novos preferem contudo cavar com os *alferces*, mais delgados e sem *gairões* (bicos).

Em Aljustrel aparecem *enxadas* como as do desenho, e outras maiores, mas de igual, formato para as vinhas.

A *enxada sapaleira* é usada nos terrenos arenosos de Sines. É grande, de pá muito côncava, de garganta curta e com a mesma forma doutra mais pequena a que chamam *enxada para cavar milho*, e que é mais utilizada para sachar.

---

(1) Idem, diz serem de carvalho, salgueiro, freixo, oliveira ou «urmo».

Silva Picão (1) diz existirem em Elvas *enxadas rasas* ou *raseiras* que servem com vantagem nos terrenos arenosos de fabrico fácil,

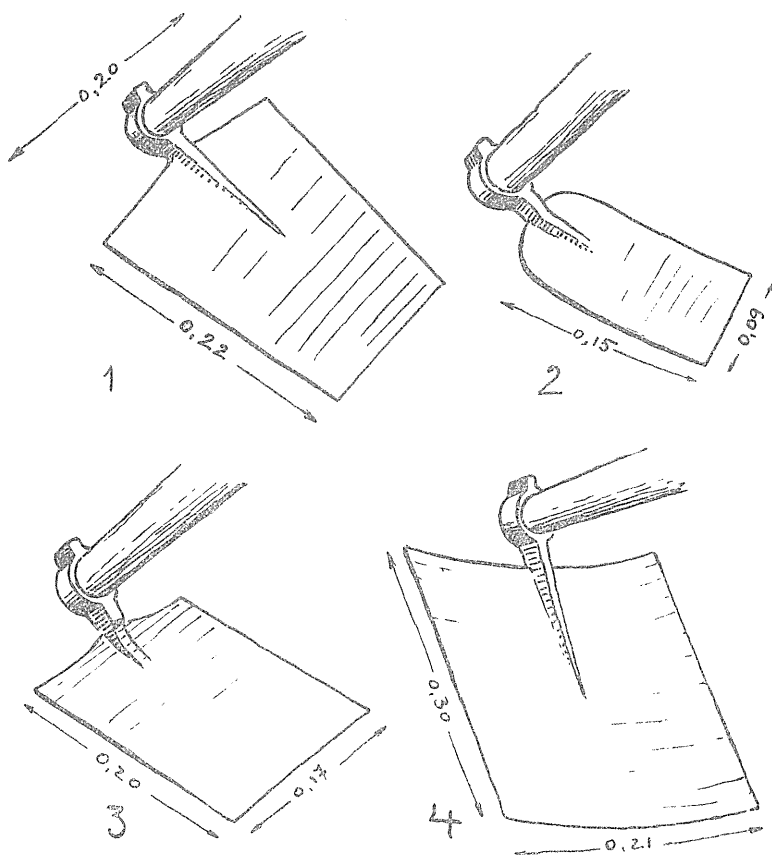


Fig. 22 — 1 — *Enxada*: Beja, Salvada; 2 — *Alferce*: Marvão; 3 — *Enxada*: Aljustrel; 4 — *Enxada sapaleira*: Sines.

e outras de *bicos* para terras argilosas, ou que ofereçam resistência.

(1) *Através dos Campos*, Lisboa, 1947, pp. 229.

Para as mondas do trigo é usado um sacho pequeno de cabo curto, sacho que também é utilizado nas hortas. Para este fim há, também, sachos munidos dum bico.

### Algarve

A enxada algarvia varia bastante. De lados paralelos nos arredores de Faro, estreitece para o gume na parte ocidental da província. Tem os lados direitos como em Vila do Bispo ou

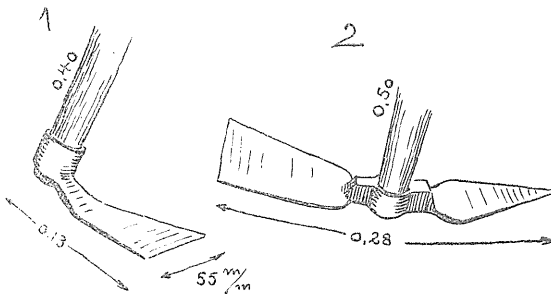


Fig. 23 — 1 — Sacho das mondas; 2 — Sacho: Mourão.

Aljezur, ou encurvados como em Portimão. Em Monchique viu Jorge Dias, enxadas terminadas em bico.

A regra geral é chamarem-lhe *enxada*. Em Aljezur empregam a designação de *enxada de cavar terra* para a diferenciar de *enxada de cavar milho*, que corresponde à sachola do norte.

O alferce, de que falaremos noutra ocasião, é também usado para cavar terras bravas.

Para sachas de campos pequenos (meneirados), e para os trabalhos das hortas, empregam-se enxadas mais pequenas, *enxadinhas*, ou sachos alongados, do mesmo formato do alferce, a que chamam *sachola* ou *sacho*.

O sacho alentejano das mondas do trigo é também empregado no Algarve para o mesmo fim.

Para limpar e arranhar a terra encontra-se em alguns lugares a *ganchorra*, espécie de gadanho de dois bicos. Estudá-la-emos, porém, noutra ocasião.

\*

\* \*

O olho dos utensílios que acabamos de descrever têm, duma maneira geral, a crista posta no sentido do cabo. Regiões há,

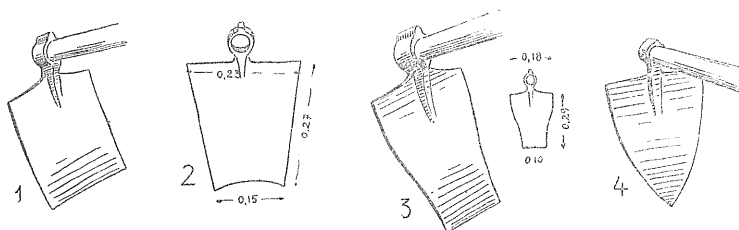


Fig. 24 — 1 — Faro, Pegões; 2 — Aljezur, Carrapateira; 3 — Portimão; 4 — Monchique.

porém, em que ela se apresenta numa posição transversal; o olho toma então a configuração que se pode ver na enxada de Cinfães (des. 3). Encontramos esta forma em alguns lugares de Trás-os-Montes, na região de Basto, e a sul do Douro por altura de Cinfães e Aregos.

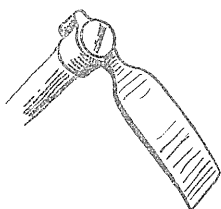


Fig. 25 — *Sachola*:  
Silves.

Outras vezes a crista é quadrada como em Baião, e outras nem sequer existe (enxada de Ovar, des. 10). Vimos assim, (sem crista) enxadas no litoral da Beira desde Ovar a Coimbra, e na região entre Guarda e Castelo Branco.

\*

O aperto do cabo no olho da enxada é feito pela cunha em todo o país. Apenas na Estremadura e Beira Litoral encontramos esse aperto reforçado pelo pescaz.

A descrição que fizemos leva-nos a várias conclusões.

No N.W. do país, por toda a extensão das províncias do Minho, por quase todo o Douro Litoral e extremo norte da Beira Litoral, encontram-se enxadas alargando para o gume, munidas de cabos com cerca de 1<sup>m</sup>,50 de comprimento. Toda essa área é constituída por terras leves onde as cavas não pedem grande esforço, tanto mais que não há vinhas a cavar e o arado é que revolve a terra toda. Isto explica talvez o comprimento do cabo. Por todo o resto do país eles são curtos, alongando-se apenas aqui e ali nos utensílios usados nas sachas.

O alargamento da pá para o lado do gume encontra-se também em algumas enxadas da Estremadura, mas muito pouco pronunciado.

A zona central de Trás-os-Montes oferece-nos enxadas estreitecendo para o gume, e as faixas S.W. e N.E. enxadas de lados paralelos. Não há razões aparentes de ordem material que expliquem essa diferença de formato. Estas duas formas aparecem também pelo interior das Beiras, sem marcarem, ao que julgamos, manchas grandes bem definidas.

As enxadas de pontas devem ter sido o *bidens* romano, usado já nessa época na cava das vinhas. A sua forma fere menos as raízes das plantas. O nome de *guinchas* que lhe dão no norte de Trás-os-Montes é também dado no N.W. de Espanha onde estes instrumentos são muito vulgares. São enxadas para terrenos pedregosos ou duros. Aparecem nas terras xistosas do Douro e Trás-os-Montes e nas terras presas da Estremadura e Beira

Litoral (da Bairrada para o sul). Sente-se bem que esta forma é imposta pela qualidade dos terrenos a revolver.

A existência desta enxada de pontas não dispensa a enxada rasa, que serve então principalmente para roçar, cortar estrumes, ou abrir regos e poças.

Do mesmo modo que a terra impôs a forma desta enxada, também as terras arenosas do litoral explicam as dimensões avantajadas e a forma quase sempre côncava das ferramentas que as fabricam.

À parte isto, porém, a influência do terreno a cavar parece-nos menos importante que as razões de ordem cultural. Assim, se nas terras soltas, de granito desfeito, do Minho encontramos enxadas de pás planas alargando para o gume, porque razão já nos socalcos de Cinfães, de terra em tudo semelhante, são elas côncavas e de lados paralelos.

Também a garganta comprida surge em enxadas trabalhando terras muito variadas (ex.: das presas de Torres às arenosas de Peniche). Neste caso é natural que as enxadas de garganta comprida fossem as mais indicadas para o género de cavas da maior parte das terras estremenhas, presas e aterroadas, e que nas zonas de terras leves o uso geral tivesse imposto aquele tipo. As gargantas compridas aparecem na corda oriental das Beiras, pela Beira Litoral à excepção da sua ponta norte, e pela Estremadura principalmente a norte do Tejo. Cremos serem menos frequentes no Ribatejo.

\*

As sacholas acompanham geralmente a forma das enxadas, apenas são de mais pequenas dimensões. Outras vezes são munidas de cristas compridas; isto acontece muito na faixa E. de

Trás-os-Montes e na Beira Litoral ao sul de Aveiro, e ainda com certa frequência pelas Beiras interiores.

A cava no N.W. de Portugal não pede esforço muito pesado. Nas lavouras desta região procura-se lavrar a arado o maior espaço possível; ele vai até aos cantos mais apertados e, até junto das bordas rente às videiras, tanta vez com prejuízo das raízes (1).

É pois frequente a mulher ajudar ali o homem nesse trabalho. No resto do país, porém, cremos ser a cava feita exclusivamente por homens.

Já nas sachas trabalha a mulher de norte a sul da nossa terra. Nas regiões da cultura do milho, embora o sachador mecânico se tenha ultimamente vulgarizado, não é raro ver ranchos de mulheres a sacharem esse cereal. É um trabalho leve, que pode ser conversado, e o salário é mais baixo que o do homem embora o rendimento não seja inferior. O mesmo se pode dizer para as mondas do trigo no Sul.

\*

A enxada é ainda vulgarmente feita em pequenas oficinas de ferreiro, que a leva para vender às feiras próximas. A de fabrico industrial reproduz geralmente formas tradicionais. Ao longo de toda a fronteira gasta-se ferramenta espanhola, produto da indústria grande e que se compra muito mais barato.

Pelo menos no N.W. de Portugal é frequente marcar o ferreiro as enxadas com iniciais e desenhos. Estas marcas são

---

(1) Há contudo raras povoações em que não existem arados. A aldeia da Ermida, por baixo das fragas que coroam o Marão, faz os seus campitos à enxada, pois não há ali nenhum animal que puxe arado ou carro. — O mesmo acontece em algumas aldeias da Lousã.



por vezes encomendadas, para assim evitar o roubo feito por vizinhos.

### Nomenclatura

A nomenclatura que adoptamos foi a que encontramos mais generalizada. Nas partes essenciais foi a que já Leite de Vasconcelos colheu na Estremadura (1).

*Pá* foi o termo que ouvimos por quase todo o país. Além desta designação também se usa *pata* (Barroso e região de Basto), *aba* (parte serrana de Cinfães) e *folha* (Mogadouro) (2).

À nervura que reforça a pá e a sua ligação ao olho chamam *peito* (Boticas) e *veio* (Cinfães); é bastante raro o lavrador dar-lhe nome. Para o *gume* anotamos também *flor*, bastante vulgar; *corte* (Ferreira do Alentejo); e *gaviões* as pontas aguçadas do gume (Gralheira, Cinfães). Além de *costas* ouvimos *ombreiras* (Braga) e *orelhas* (Cinfães); no Mogadouro, além de *orelhas* empregam também *loétas*.

A *garganta* também é *espiga* (Penelas, Torres Vedras) e *espigão* (Batalha).

*Olho* é o termo empregado por todo o país; Adolfo Coelho cita porém *alvado* (Bragança) (3).

*Cabo* é designação geral. Para a cunha que dá o aperto do cabo ao olho não ouvimos outra designação. Já ao *pescar* ouvimos *pescal* (Torres Vedras) e *cavalete* (Vagos).

(1) «Boletim de Etnografia». Lisboa, 1929, 4.º, pp. 86 a 88.

(2) As informações sobre utensílios do Mogadouro foram dadas pelo Dr. Santos Júnior.

(3) «Portugalia». Tomo 1.º, fasc. 2.º, pp. 400. Alvado é também o nome dado em grande parte de Trás-os-Montes ao vazio da relha do arado onde entra a ponta do dente.

Como dissemos no princípio deste trabalho os mapas marcam

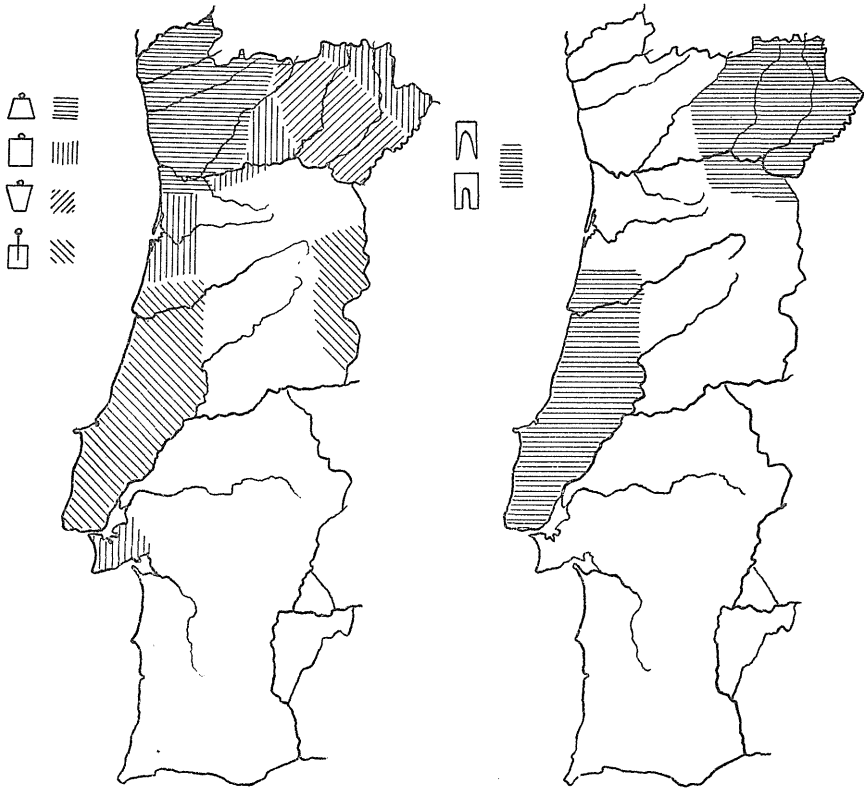


Fig. 26

apenas, de acordo com os elementos que actualmente possuímos, as grandes zonas de enxadas do mesmo tipo.